

## A EXPERIÊNCIA DOLOROSA DA SOLIDÃO HUMANA

Não é nada fácil entrar na experiência dolorosa da solidão. Preferimos escapar dela. Contudo, é uma experiência que perpassa a vida de todos os seres humanos.

Talvez a experimentamos em crianças, quando os nossos companheiros se riram de nós porque tínhamos os olhos tortos, ou como adolescentes, quando ficamos no último lugar na escolha dos candidatos a formar a equipa de basebol. Talvez a experimentamos quando estávamos cheios de saudades da nossa família, estando internados no colégio, ou oprimidos por regras insensatas que não podíamos modificar. Talvez a experimentemos no início da idade adulta, numa universidade em que todos falavam de graus académicos, mas onde era difícil encontrarmos um bom amigo, ou estando num grupo de ação onde ninguém dava a mínima atenção às nossas sugestões. Talvez, a experimentamos, como professores, quando os alunos ficavam indiferentes às nossas lições cuidadosamente preparadas, ou como pregadores, quando as pessoas dormitavam durante as homílias bem-intencionadas. E talvez continuemos a senti-la durante reuniões de pessoal, conferências, sessões de aconselhamento, durante as longas horas de trabalho, ou enquanto executamos um trabalho manual monótono, ou apenas quando nos encontramos sozinhos diante de um livro que não atrai a nossa atenção. Quase todos os seres humanos possuem recordações semelhantes ou outras, ainda mais dramáticas, durante as quais experimentaram aquele sofrimento interior tão estranho, aquela fome mental, aquela inquietação perturbadora que os leva a dizer: «Sinto-me tão só!»

A solidão é, portanto, uma experiência humana universal.

Sentado no metropolitano estou rodeado de pessoas silenciosas, escondidas por trás de jornais ou navegando nas suas próprias fantasias. Ninguém dirige a palavra a um estranho. O polícia de serviço lembra-lhe constantemente que elas não estão lá para se ajudarem umas às outras. Mas, quando os meus olhos vagueiam pelas paredes do comboio, cobertas de convites a comprar mais ou novos produtos, vejo pessoas jovens, bonitas, que gostam de estar umas com

as outras num abraço carinhoso, homens e mulheres divertidos que sorriem uns aos outros em velozes barcos de recreio, exploradores orgulhosos a cavalo, que se encorajam mutuamente a correr riscos destemidos, crianças audaciosas dançando numa praia soalheira e raparigas encantadoras, prontas a servir-me, em aviões ou barcos de cruzeiro. Enquanto o metropolitano passa de um túnel escuro para outro, eu tenho constantemente presente o sítio onde guardei o dinheiro. As palavras e as imagens que decoram o meu mundo assustador falam de amor, de gentileza, de ternura e de convivência alegre e espontânea.

A solidão é uma das fontes mais universais de sofrimento humano. Os psiquiatras e os psicólogos clínicos reconhecem que a solidão produz não só um número crescente de suicídios, mas também alcoolismo, toxicoddependência, diversas patologias psicossomáticas - tais como dores de cabeça, de estômago e lombares - e de inúmeros acidentes de viação. Todas as pessoas - crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos - estão cada vez mais expostos às consequências patológicas da solidão.

Porquê é que tantas festas e reuniões entre amigos nos deixam com uma enorme sensação de vazio? Talvez mesmo nesses locais a competição enraizada, e muitas vezes inconsciente, entre pessoas nos impeça de nos revelarmos uns aos outros e de estabelecermos relações mais duradouras do que a própria festa. Onde somos sempre bem-recebidos, a nossa ausência não tem assim tanta importância, e quando todas as pessoas são bem-vindas, a ausência de alguém não será particularmente notada. Geralmente há comida abundante e numerosas pessoas desejosas de comer, mas, muitas vezes, parece que os alimentos perderam a capacidade de criar comunidade e não raro os convidados abandonam a festa mais conscientes da sua solidão do que quando lá chegaram.

A linguagem que empregamos sugere de tudo, menos a solidão:

*«Faça o favor de entrar, é tão bom voltar a vê-lo... Deixe-me apresentá-lo a este meu amigo tão especial, que vai adorar conhecê-lo... Tenho ouvido falar tanto de si que nem consigo exprimir quão feliz me sinto por conhecê-lo pessoalmente... Acho as suas palavras muito interessantes, gostava que outros as pudessem escutar... Foi fantástico ter tido esta oportunidade de conversar consigo e de o encontrar... Espero sinceramente que voltemos a encontrar-nos. Quero que saiba que é sempre bem-vindo e não hesite em trazer algum amigo... Volte em breve.»*

A linguagem usada revela o desejo de estar próximo e receptivos, mas raramente consegue suavizar a dor da solidão. Trata-se de uma solidão que não pode ser preenchida por convívio sociais que oferecem uma falsa intimidade. Uma solidão que se alimenta com a suspeita de que não há ninguém se preocupe conosco, ninguém que nos ofereça um amor incondicionalmente, ninguém que nos ofereça um espaço acolhedor onde nos possamos mostrar vulneráveis, tal como somos, sem sermos instrumentalizados. As pequenas rejeições diárias - um sorriso sarcástico, um comentário superficial, uma negação áspera ou um silêncio amargo - poderiam ser atitudes inocentes e indignas da nossa atenção, - se não despertassem constantemente o nosso receio humano básico de estarmos sozinhos, «totalmente abandonados nas trevas» (cf. Sl 88, 19b).